

2

São João del Rei, 1ª. quinzena de agosto/2004

Antigas relações de "cumpadrio"

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO
PRESIDENTE DO IHG DE SÃO JOÃO DEL-REI

Minha avó materna, Ana Etelvina de Ávila (1904-1989), a "Siá Donana", contou-me muitos casos... ela sentia um prazer enorme em ficar por horas e horas conversando comigo ou outras pessoas a respeito dos antigos acontecimentos; dizia que recordar aqueles velhos episódios era como vivê-los outra vez. Pena eu não ter gravado os seus depoimentos que eram minuciosos em relação aos costumes, às datas, aos lugares, aos nomes de pessoas e de lugares, ao modo das pessoas se vestirem e falarem... Felizmente registrei muitas coisas na minha memória; de outro tanto, infelizmente, não me lembro mais.

Ela costumava contar que as pessoas eram muito "visitadeiras" e costumavam permanecer por dias ou semanas na casa dos compradres, comadres e dos amigos. "As pessoas iam a cavalo, as mulheres com aqueles vestidos rodados em cavalos mais mansos, assentadas de lado em selas chamadas de 'cilhã', e para proteger os pés usavam de estribos especiais, chamados 'caçambas'. Os homens também iam a cavalo ou mesmo a pé, puxando pelo cabresto os animais onde estavam as mulheres e as crianças, quando elas tinham medo. Às vezes, quando a visita ia ser mais demorada, ia até um carro-de-boi, levando objetos de uso pessoal da família, roupas de cama e até um agrado para a família visitada: podia ser uma banda de porco, latadas de quitandas... chegando na casa visitada os montarias e os bois de carro eram soltos nos melhores pastos, mesmo que eles estivessem 'vedados.'" (N.A.: pastos vedados são pastagens boas e viçosas, geralmente de capim-gordura e reservadas para colocar animais no tempo certo). Alimentar os animais das visitantes antes dos próprios era uma atitude de agrado e cortesia para com os visitantes).

Vovó continuava: "a gente ia ficando, dias e dias,

e não notava incômodo algum para os compradres. Ao contrário, o que não faltava era assunto e a amizade era tanta que quando era a hora de ir embora, sempre havia choro na despedida. Era uma amizade que dava gosto de se ver! Bom mesmo era à noite, a gente reunia todo mundo na cozinha ou na sala, para contar casos... quando a noite estava fria as pessoas ficavam rodeando a 'pedra de queantar fogo', sentados em banquinhos de madeira, muitos de cores; ali a gente assava pinhão, milho, batata doce e arrebatava pipocas. As crianças jogavam grãos de milho na cinza quente e quando estourava a pipoca era um divertimento". (N.A.: As "pedras de queantar fogo" ficavam instaladas no chão de terra ou revestido por tijolos, no meio das salas ou cozinhas, à guisa de lareiras. Era comum encontrar dessas pedras nas antigas fazendas das nossa região). "Quando havia alguém que sabia tocar sanfona ou viola a gente arriscava até a cantar uma modinha! Dançava-se muito também... a tia 'Nhanhá', casada com o 'Chico Porteiro Velho' gostava muito de dançar com o 'Tunico Moreira' ou com o 'Janjão'. A gente ficava conversando até 'horas mortas', principalmente quando o assunto era mais sério e sobre os quais deveria se manter reserva, pois as crianças e os solteiros se recolhiam mais cedo. Recebíamos muitos conselhos, sobretudo dos mais velhos, os quais ouvíamos com muita atenção. Era uma troca de opiniões. Planejava-se bem a vida!" Segundo a minha avó "os cumpadres eram os padrinhos de casamento, de batismo ou de crisma dos filhos, mas assim também eram consideradas aquelas pessoas de relações familiares mais estreitas, ou amigos íntimos".

É, parece que os "antigos" sabiam mesmo cultivar e respeitar melhor do que nós aquelas relações de amizade, valorizando-as. Havia tempo para tudo,

mas também havia o "tempo para o nada", que era quando as pessoas se dedicavam a um relacionamento mais próximo com a família, com os parentes e com os amigos. Não deixavam seus afazeres de lado e ainda lhes sobrava tempo para viver!

O admirável Câmara Cascudo já escreveu que "as relações de 'cumpadrio' eram uma espécie de irmandade de auxílio mútuo, de respeitosa amizade e ligação espiritual inquebrantável. Entre si, comadres e comadres, eram invioláveis e de confiança sagrada. Colocavam-se imediatamente abaixo dos irmãos legítimos. Um compadre estava autorizado a tudo dizer, aconselhar e ralhar com outro, dizendo as 'verdades', expondo 'regras de bem viver', sem que a amizade pudesse sofrer diminuição ou agastamento. As comadres eram como irmãs dos compradres, admoestando-os, rindo, indo mesmo do direito ao ralho e do conselho moral".

Creio que o problema crucial desta nossa época está sendo a eterna desculpa da "falta de tempo" para relacionarmos. Pois é: parece que os nossos antepassados trabalhavam muito mais que nós (veja aí os monumentos belíssimos que nos legaram!) e ainda, mesmo sem a tecnologia atual, conseguiam um bom tempo de sobra para manter os seus relacionamentos em dia. A amizade era (e ainda é) um valor sumíssimo! Precisamos reativar aquele convívio salutar! Hoje em dia raramente visitamos os familiares, os parentes e os amigos... Quem sabe alguns dos muitos problemas do mundo moderno serão possíveis de serem resolvidos através de boas conversas, recheadas com trocas de idéias e bons aconselhamentos?

É preciso que as pessoas convivam mais e melhor! É preciso restabelecer aquelas antigas relações de "cumpadrio"!

■ O autor dedica este artigo ao "cumpadre" JOSÉ MURILO FERNANDES em homenagem ao seu aniversário que foi comemorado no dia 10 de agosto

JORNAL DE MINAS

(São João del-Rei - MG, ano III, edição 43, primeira quinzena/agosto 2004, pág. 2)